

# DOMINAÇÃO MASCULINA NO CONTO “UMA VISITA”, DE GRACILIANO RAMOS

MALE DOMINATION IN THE SHORT STORY “UMA VISITA”, BY  
GRACILIANO RAMOS

Octávio Henrique Chames dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse trabalho objetiva empreender a análise de “Uma visita”, um dos contos do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) reunidos em *Insônia* [1947]/(2021), a partir do conceito de dominação masculina do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). A análise estará concentrada em especial na personagem “cantora de rádio”, que se entende ser vítima, parafraseando Bourdieu (2020) em *A dominação masculina*, de uma série de violências suaves, insensíveis e invisíveis que, imperceptivelmente, mantém-na presa na submissão aos homens mesmo depois de se livrar de um casamento no qual era infeliz por ser constantemente vigiada. Primeiro, o recurso a um conceito extraliterário será justificado com base nas reflexões de Ramos, Stumpf e Alves (2019) sobre literatura e de Bosi (2017) sobre a obra de Graciliano Ramos. Em seguida, será promovido o diálogo crítico com as considerações de Carvalho (2005) e de Carmelin (2018) tanto sobre a coletânea *Insônia* como sobre a narrativa analisada de modo a embasar a interpretação proposta. Por fim, a discussão será resumida nas considerações finais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dominação masculina; Graciliano Ramos; *Insônia*; Pierre Bourdieu.

**ABSTRACT:** This work aims to undertake the analysis of “Uma visita”, one of the short stories of the Alagoan writer Graciliano Ramos (1892-1953) gathered in *Insônia* [1947]/(2021), based on the concept of male domination of the French sociologist Pierre Bourdieu (1930 -2002). The analysis will be concentrated in particular on the character “radio singer”, who is understood to be a victim, to paraphrase Bourdieu (2020) in *The masculine domination*, of a series of mild, insensitive and invisible violence that, imperceptibly, keep her trapped in submission to men even after getting rid of a marriage in which she was unhappy because she was constantly watched. First, the use of an extraliterary concept will be justified based on the reflections of Ramos, Stumpf and Alves (2019) on literature and Bosi (2017) on the work of Graciliano Ramos. Then, a critical dialogue will be promoted with the considerations of Carvalho (2005) and Carmelin (2018) both on the collection *Insônia* and on the narrative analyzed in order to support the proposed interpretation. Finally, the discussion will be summarized in the final words.

**KEYWORDS:** Graciliano Ramos; *Insônia*; Masculine domination; Pierre Bourdieu.

---

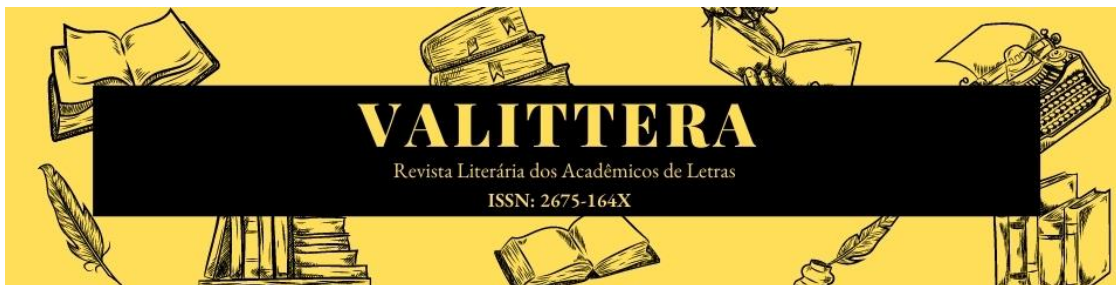
<sup>1</sup> Mestrando em Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil. Bolsista CNPq. E-mail: [octaviohenrique994@gmail.com](mailto:octaviohenrique994@gmail.com)



## 1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é o escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), mesmo a crítica especializada tende a concentrar-se em seus quatro romances – respectivamente, *Caetés* (1933), *S. Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938) – e em suas duas narrativas longas memorialísticas, *Infância* (1945) e *Memórias do cárcere* (1953). Recorde-se, por exemplo, uma das obras mais decisivas para os estudos graciliânicos no Brasil, *Ficção e confissão*, na qual o eminente crítico literário brasileiro Antonio Candido (1992) analisa justamente essas seis narrativas. Já Otto Maria Carpeaux (2018), em “Visão de Graciliano Ramos”, atém-se aos quatro romances, em especial a *Angústia* e a *S. Bernardo*, para apontar a destruição como um motivo recorrente na literatura de Graciliano Ramos. No entanto, parte da crítica vem se dedicando a discutir mais detidamente outras obras do “Velho Graça”, entre elas *Insônia* [1947]/(2021), compilação dos seguintes contos do autor alagoano: “Insônia”, “Um ladrão”, “O relógio do hospital”, “Paulo”, “Luciana”, “Minsk”, “A prisão de J. Carmo Gomes”, “Dois dedos”, “A testemunha”, “Ciúmes”, “Um pobre diabo”, “Uma visita” e “Silveira Pereira”. Esse artigo propõe-se a analisar um deles, “Uma visita”, a partir do conceito de dominação masculina conforme articulado teoricamente pelo antropólogo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) na obra *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (2020).

Na primeira parte, apresentar-se-á o conceito de dominação masculina e o embasamento que viabilizaria a análise aqui proposta, considerando-se que Pierre Bourdieu não tinha o texto literário em mente quando escreveu a maior parte de suas obras, entre elas *A dominação masculina*, ou seja, que se está propondo uma interpretação de uma obra literária a partir de um conceito exterior à teoria e à crítica literárias. Na segunda parte, apresentar-se-á sucintamente o conto analisado e procurar-se-á evidenciar como a dominação masculina se manifestaria nele. Por fim, haverá as considerações finais para subsumir a discussão empreendida no artigo.



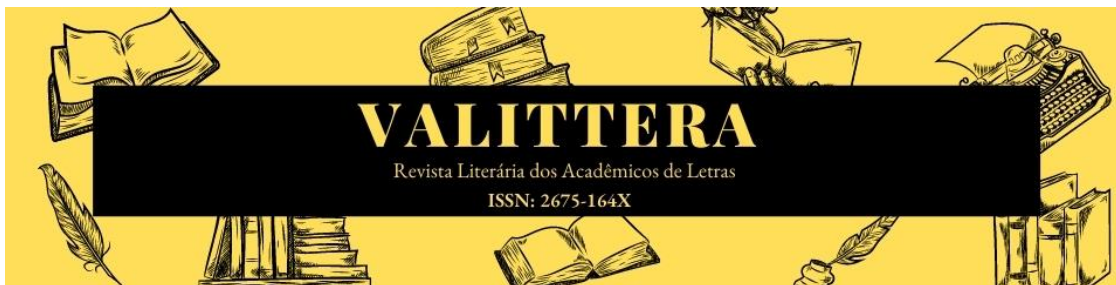
## 2 BOURDIEU, A DOMINAÇÃO MASCULINA E A LITERATURA

Em *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2020) propõe uma instigante reflexão sobre práticas e discursos que contribuem para perpetuar a submissão das mulheres aos homens nos mais diversos moldes de sociedade, em especial na chamada sociedade ocidental. Nos termos do próprio sociólogo francês, “é preciso realmente perguntar-se quais são os mecanismos *históricos* responsáveis pela *des-historicização* e pela *eternização* das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes” (BOURDIEU, 2020, p. 8, grifos do autor). O pensador também frisa que instituições como a Igreja, a família, a escola, o jornalismo e até mesmo o esporte contribuem decisivamente para essa perpetuação da dominação masculina na medida em que reforçam o que Bourdieu (2020) chama de “visão naturalista e essencialista” das relações entre os sexos. Em outros termos, a tese central dessa obra é que é necessário tornar evidente como a divisão social entre os sexos não se baseia na “natureza” de homens e mulheres, mas em uma pletora de elementos culturais de cada sociedade, ou seja, que a dominação masculina não é natural, mas cultural, e que, portanto, a mobilização política das mulheres é condição *sine qua non* para essa submissão cessar.

Um conceito fundamental para se compreender os mecanismos de dominação masculina segundo Bourdieu é o de violência simbólica, o qual, segundo o sociólogo, não poderia estar mais intrinsecamente conectado à dominação masculina. Afinal, para o pensador, a dominação masculina é,

no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de *violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.* (BOURDIEU, 2020, p. 12, grifo nosso).

A grande eficácia da violência simbólica, para o pensador francês, acontece porque a lógica da dominação exercida a partir dela tem como fundamento princípios comumente aceitos por dominantes e dominados, mais notadamente modos de falar, de pensar e de agir

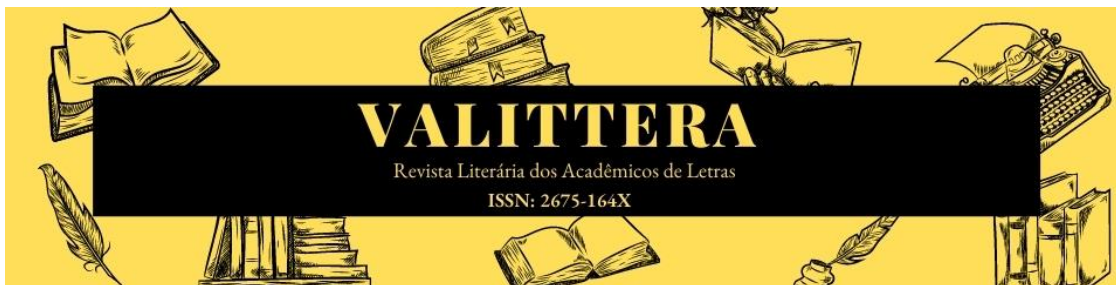


tidos por ambos como os mais adequados. Ou seja, a “suavidade”, a “insensibilidade” e a “invisibilidade” da violência simbólica enquanto mecanismo de dominação residiriam exatamente no fato de que algumas condutas violentas não são entendidas como culturais (e, portanto, alteráveis ao longo do tempo), mas como naturais e até mesmo como corretas.

Nesse sentido, procura-se evidenciar no presente artigo as situações pelas quais passa a personagem “cantora de rádio” em “Uma visita” não são problemas individuais dela com os homens ao seu redor, mas manifestações “suaves”, “insensíveis” e “invisíveis” da dominação à qual as mulheres estavam submetidas na época de Graciliano Ramos e continuam submetidas tanto no final dos anos 1990, quando Bourdieu escreve originalmente *A dominação masculina*, como nas primeiras décadas do século XXI.

Evidentemente, por se tratar de recurso a um conceito exterior à teoria literária (aliás, deve-se registrar que em momento algum Bourdieu sequer cita obras literárias em *A dominação masculina*), faz-se necessário apontar o que permitiria a utilização do conceito de dominação masculina na análise de uma narrativa como a de Graciliano Ramos. O embasamento para essa análise está na compreensão da literatura não como um objeto ensimesmado, mas como um produto social a partir do qual se pode visualizar a própria sociedade de modo mais holístico e, principalmente, mais crítico. Quando se trata, então, de uma questão como a dominação masculina, que é um problema social, e não apenas individual, parece viável aplicar, *mutatis mutandis*, o conceito de Bourdieu em uma interpretação literária. Afinal, como resumem Ramos, Stumpf e Alves (2019, p. 10-11, grifo nosso):

A literatura apresenta uma grande importância, tanto para o leitor quanto para a sociedade que a recebe, pois é a partir dela que podemos compreender determinados grupos em determinados períodos e refletir sobre acontecimentos históricos e questões sociais. [...] *literatura é ficção, mas parte da realidade já existente, mantendo um caráter verossímil, ou seja, uma equivalência de verdade.* Além disso, a importância da literatura está, principalmente, no fato de que ela permite que o leitor exerça uma atividade crítica sobre o mundo (RAMOS; STUMPF; ALVES, 2019, p. 10-11, grifo nosso).



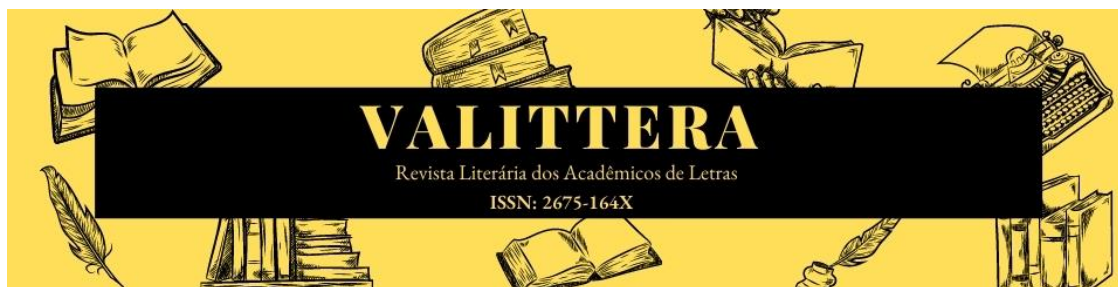
O fato de ser Graciliano Ramos o escritor analisado torna ainda mais lógico e legítimo, do ponto de vista teórico-crítico, o embasamento para o exercício interpretativo proposto, já que, como ensina Alfredo Bosi (2017, p. 429) em *História concisa da literatura brasileira*, os escritos de Graciliano Ramos estão tomados por um realismo crítico em que um “herói” problemático veste uma máscara de extrema dureza para tentar superar as adversidades que os conflitos com o mundo em torno dele causam, e é ao analisar essa máscara, para Bosi, que o escritor alagoano consegue “fixar as tensões sociais como primeiro motor do comportamento”.

### **3 A DOMINAÇÃO MASCULINA EM “UMA VISITA”, DE GRACILIANO RAMOS: PARA ALÉM DE UMA ESCOLHA (APARENTEMENTE) CASUAL (OU PRAGMÁTICA) E DA LIBERTAÇÃO INDIVIDUAL**

Reunindo contos escritos por Graciliano Ramos em diferentes momentos de sua trajetória como literato, *Insônia* é analisado de alguns modos diferentes pela crítica especializada, ou, pelo menos, pelos poucos críticos que o tomaram diretamente como objeto de estudo. Por exemplo, Giacomet (2015) busca evidenciar que todas as narrativas dessa coletânea relacionam-se intimamente com a cidade e com a modernidade. Nos termos da autora:

Nos contos apresentados em *Insônia*, as concepções estéticas e ideológicas que organizam os elementos narrativos, preponderantemente o espaço, permitem a legibilidade da urbe, bem como colocam em relevo os índices de modernidade. Assim, observamos, na obra, uma diversidade de expressão na cidade e da cidade, evidenciada por meio de uma pluralidade de vozes que se esfacelam, que são tolhidas, ou mesmo coagidas a permanecerem no isolamento. O espaço urbano é entendido por meio da hostilidade e do repúdio. A literatura, nesse contexto, revela um espaço pleno de restrições e de interdições, concebido como um local coercitivo e discriminador (GIACOMET, 2015, p. 1).

Por sua vez, Carvalho (2005, p. 11) entrevê em *Insônia* uma unidade, no sentido de todos os contos apresentarem uma personagem central oprimida, solitária, deslocada ou



desamparada da qual o narrador se compadece e à qual adere por meio do discurso indireto livre. O autor também destaca como constantes nessas narrativas a incomunicabilidade entre os seres, o conflito eu-mundo, o trabalho cuidadoso de figurações concretas de modo a aprofundar a construção das personagens e o uso do espaço como um componente simbólico na maioria dos contos. Já no que se refere a temas, segundo Carvalho, “estas narrativas, na sua hábil estruturação literária, trazem à cena questões privilegiadas por Graciliano: a marginalidade, a criança, a precariedade da comunicação humana, as relações do poder, as relações entre poder e saber” (CARVALHO, 2005, p. 12).

Também Carmelin (2018) analisa *Insônia* a partir de certa noção de unidade entre os contos. A autora retoma as considerações de Candido (1992) sobre as duas grandes vertentes da obra de Graciliano Ramos em sua totalidade, quais sendo “uma de lucidez e equilíbrio, outra de desordenados impulsos interiores” (CANDIDO, 1992, p. 59), e opina que ambas “aparecem entrecruzadas nos contos do autor, que ora personificam o estilo condensado e técnico de Graciliano, ora transbordam o pessimismo, a inquietude e a agressividade singular de suas obras de ficção e de memórias, configurando um constante deslizamento da ficção para a confissão” (CARMELIN, 2018, p. 11).

Em resumo, há uma tendência na crítica especializada a analisar os contos de *Insônia* como narrativas nas quais temas como o poder, a modernidade e o deslocamento do indivíduo perante o mundo são não apenas recorrentes, mas também fundamentais para seu entendimento. Como parte dessa coletânea, “Uma visita” não é exceção à regra. Nesse conto, Graciliano Ramos apresenta uma visita de três personagens – “diretor da revista”, “romancista novo” e “cantora de rádio” – a uma quarta (“escritor decadente”), durante a qual as três ouvirão, a contragosto, uma nova composição do escritor. Em relação a como os fatos da narrativa são apresentados, explica Carvalho que “o leitor acompanha os visitantes em seu percurso de chegada, os vê identificados por sua profissão e, principalmente, segue o fluxo de seus pensamentos durante quase todo o texto, através do discurso indireto livre” (CARVALHO, 2005, p. 197), ou seja, cabe ao narrador em terceira pessoa apenas auxiliar na transição entre os pensamentos de cada personagem. Já no que se refere ao conteúdo que cada uma das três personagens faz vir à tona, enquanto o diretor

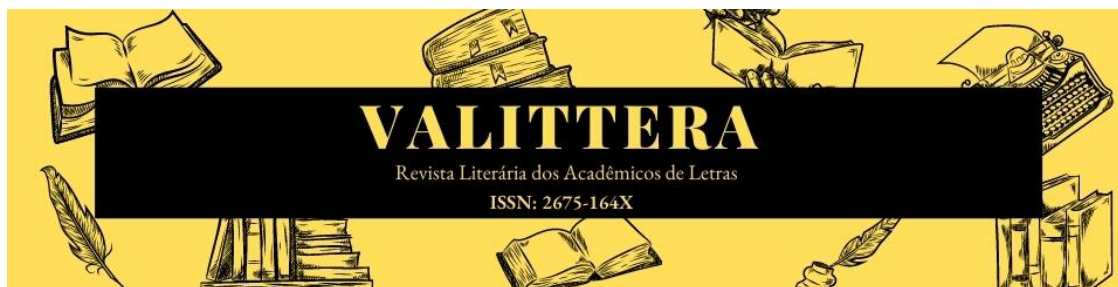


demonstra preocupação com os rumos financeiros da revista, o romancista resgata seus traumas juvenis com a literatura do próprio escritor decadente a quem ouvia no momento e a cantora rememora seu processo de separação do ex-marido e os receios que tivera então. Nota-se, pois, que, como apontado por Carmelin, “temos a voz de um diretor que traz inquietações mais pragmáticas, enquanto o romancista e a cantora enveredam por feixes memorialísticos que trazem à tona frustrações individuais” (CARMELIN, 2018, p. 89).

Entretanto, caso se examinem um pouco mais detidamente todos os momentos em que a cantora de rádio aparece em “Uma visita”, parece possível entrever nos dramas pessoais da cantora e mesmo no modo como ela é tratada por outra personagem, o diretor da revista, problemas que concernem não apenas a essa personagem feminina individualmente, mas às mulheres como um todo. Nesse sentido, propõe-se um reexame da trajetória da cantora de rádio ao longo do conto tendo sempre em vista o conceito de dominação masculina segundo Bourdieu (2020).

Depois de as três personagens serem apresentadas no primeiro parágrafo do conto, o narrador informa que nenhum dos visitantes sabia com precisão o motivo daquela visita ao escritor decadente. Mais ainda, ele também relata que quem comandava o grupo era o diretor da revista, responsável por levar a cantora de rádio e o romancista novo até o encontro. Interessam, no entanto, os termos utilizados pelo narrador quando traz à cena isso. Segundo ele, “os visitantes não sabiam direito que tinham ido fazer. *O diretor da revista recebera o convite e levava no carro dois companheiros disponíveis*” (RAMOS, 2021, p. 131, grifo nosso).

Em primeiro lugar, deve-se considerar que, pelo modo como isso é narrado no conto, torna-se evidente que o diretor da revista teria outras opções para acompanhá-lo à casa do escritor decadente, mas escolheu levar o romancista novo e a cantora de rádio. Pode-se depreender isso dado que o narrador fala em “levava no carro dois companheiros disponíveis”, o que transmite a ideia de que o romancista e a cantora não eram os únicos no grupo “disponíveis”, mas dois entre tantos mais nessa condição. Se, por outro lado, o narrador tivesse dito que o diretor “levava no carro os dois companheiros disponíveis”, ou mesmo que “levava no carro os únicos companheiros disponíveis”, haveria a ideia de que a personagem fora forçada pelas circunstâncias a tomar as outras duas como suas

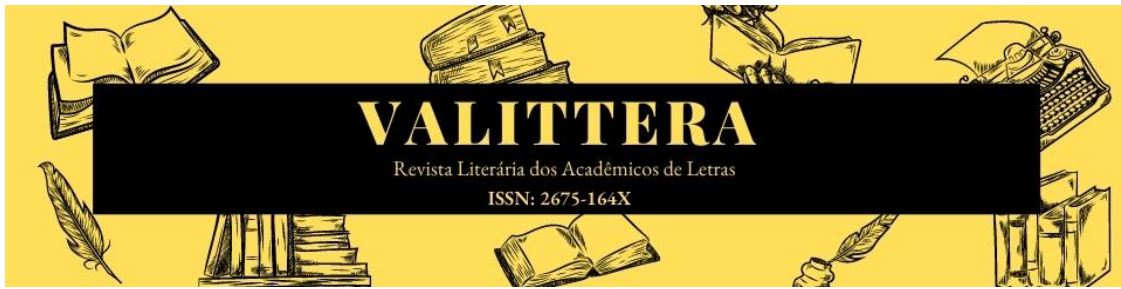


acompanhantes na visita e que, se pudesse, talvez optasse por outras companhias. Em suma, torna-se claro, desde o início, que se tratou de uma escolha do diretor da revista, e não de uma imposição ou de uma obra das circunstâncias.

No entanto, também importa registrar que não há, em momento algum da narrativa, qualquer explicação sobre os motivos que teriam levado o diretor da revista a optar pela cantora e pelo romancista em detrimento de outros candidatos, que sequer são mencionados no conto. Com essa ausência de justificção, pode-se imaginar, inicialmente, dois caminhos possíveis que levaram a essa escolha. O primeiro deles é que se tratou de uma escolha casual, guiada talvez por um grau maior de afinidade entre o diretor e as outras personagens (o que não é mostrado de maneira inequívoca ao longo de “Uma visita”), ou, talvez, por terem sido o romancista novo e a cantora de rádio os que estavam mais próximos ao diretor quando recebeu o convite. O outro, por sua vez, poderia ser depreendido de um traço da personalidade do diretor apontado com precisão por Carmelin (2018): seu pragmatismo. Nesse caso, pode-se imaginar que, ao visitar a casa de um literato, isto é, de um homem envolvido com a cultura e com a arte, seria de bom alvitre estar acompanhado por pessoas também envoltas pelas mesmas questões. Evidentemente, restaria determinar quais ganhos o diretor poderia vislumbrar nessa “visita-negociação”, o que se torna mais difícil na medida em que também não são apresentadas quaisquer conexões do escritor decadente com pessoas que poderiam subsidiar a revista, por exemplo; mesmo assim, dado esse caráter pragmático ao qual Carmelin (2018) se refere, essa hipótese não deixa de ter alguma plausibilidade.

Ambos os caminhos parecem possíveis para se explicar satisfatoriamente o convite ao romancista novo, em especial quando se lembra que, pelo menos do que está registrado em “Uma visita”, o diretor da revista não estava ciente da relação tortuosa desde a juventude entre esse seu companheiro disponível e a literatura do escritor decadente. Além disso, também não parece haver, no conto, subsídios para se levantar outras hipóteses para o romancista novo estar no veículo que se dirigiu à casa do escritor decadente. Entretanto, isso não parece valer também para a cantora de rádio, pois, em alguns trechos, pode-se entrever outras motivações para a sua presença naquele lugar.





Em determinado momento, quando o leitor tem acesso aos pensamentos do diretor da revista sobre a leitura fanhosa do escritor decadente, lê-se o seguinte:

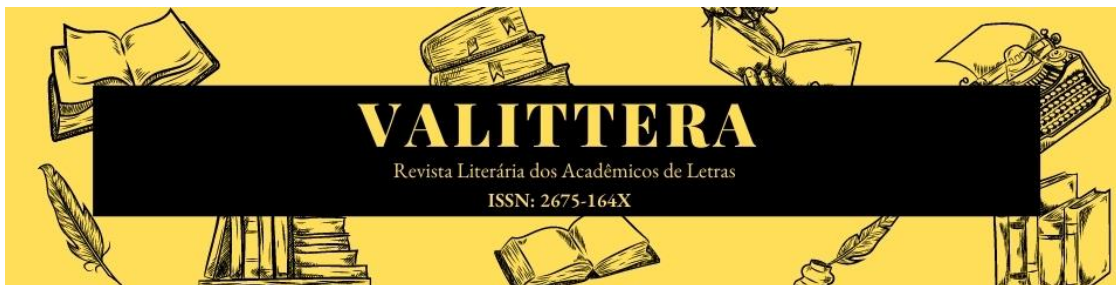
Observou, com simulada indiferença, os seios e um pedaço de nádega da cantora de rádio. [...] No automóvel, roçara por acaso a coxa dela. [...] Por acaso. Sim, encostara a perna por acaso na coxa da cantora. E deixara-se ficar junto dela, sacudido pelos movimentos do carro, amolecido, como se a perna já não fosse dele.

- Boa, muito boa.

Um sorriso largo imobilizou-lhe os músculos do rosto, um calafrio correu-lhe o corpo. E derreou-se na cadeira, vencido pelo calor. (RAMOS, 2021, p. 134-135).

Depreende-se desse trecho, portanto, que, como também nota Carvalho (2005), há o desejo sexual do diretor em relação à cantora, podendo ser este o real motivo para ela ser uma de suas acompanhantes à visita enfadonha. Quando se focaliza o roçar de pernas no automóvel, o qual o diretor faz questão de frisar ter acontecido por acaso e se deixa claro que a indiferença da personagem masculina pelos seios (destacados pelo vestido apertado que ela trajava) e pela nádega da personagem feminina era simulada, e não real, a atração sexual dele por ela torna-se inequívoca.

Há, porém, nesse episódio, uma violência “suave, insensível, invisível” (BOURDIEU, 2020, p.12) do diretor contra a cantora que pode ser entendida como um resquício da dominação masculina na sociedade brasileira, principalmente se extrapolada para além do texto literário em si. Ainda que se queira dar fé à versão do homem forte da revista de que foi obra do acaso sua perna encontrar a da artista, ele próprio confessa se valer do balanço do carro para ficar junto a ela sem exatamente ter feito algum movimento anterior para tornar clara alguma intenção sua em sentido romântico ou mesmo sexual. Ou seja, não seria impossível interpretar esse episódio como um assédio dele contra ela, que, curiosamente, sequer rememora o acontecimento quando “toma a palavra”, lembrando-se, na verdade, de sua vida conjugal infeliz. Nesse sentido, a dominação masculina reside precisamente no fato de que, para ambos, uma ação cultural (a de um homem tocar uma



mulher com intenções eróticas sem consentimento) torna-se tão natural que, mesmo para a vítima, passa despercebida.

A outra seção do conto em que a dominação masculina se manifesta é quando o leitor passa a ter acesso ao ponto de vista da própria cantora de rádio, cujas reflexões orbitam, basicamente, em torno de sua libertação ao decidir terminar o casamento com o marido controlador. Carmelin (2018) apresenta um resumo instigante sobre o que acontece nesse momento da narrativa:

O ponto de vista da cantora de rádio mostra-se interessante, uma vez que apresenta o olhar feminino sobre o que se passava durante a leitura, mas também por trazer a perspectiva da mulher sobre temas controversos para a época, como o divórcio, por exemplo. O fluxo mental da cantora não demonstra nenhum arrependimento pela separação e afirma a certeza de que, apesar do receio que a falta daquele “órgão” até então poderia lhe causar, essa foi a melhor escolha. A mulher entra em um processo de escoamento de todas as frustrações e repressões por que havia passado (CARMELIN, 2018, p. 87).

Interessa destacar, justamente, em que consistem essas frustrações e repressões às quais Carmelin (2018) faz referência. Enquanto o escritor decadente lia sua peça para os convivas da noite, a cantora de rádio:

Lembrava-se da vida de solteira, das praias de banhos e do carnaval, da liberdade que o casamento suprimira. Licença para sair, hora certa para entrar, um indivíduo ciumento a arredá-la das janelas, a determinar-lhe o comprimento dos cabelos e o decote dos vestidos. Chateava-se. Não queria enganar o tipo a que se tinha juntado, mas aquela intromissão nos seus gostos dava-lhe fúrias de rebentar pratos. Nunca rebentara nada. Como era de natureza tranquila, aguentara um ano de amolação. Afinal se desligara. (RAMOS, 20XX, p. 140).

Todos os controles exercidos pelo marido que a moça rotula em conjunto como “amolação” são, na verdade, o que Bourdieu descreveria como violências suaves, insensíveis e invisíveis. Curiosamente, aliás, o conto em si acaba ecoando Bourdieu (ponderando-se, é claro, que o pensador francês articula suas ideias teoricamente em um tempo muito posterior



à escrita e publicação e “Uma visita”) na medida em que mostra o papel de duas instituições sociais intrinsecamente interligadas, o casamento e a família, na perpetuação da submissão feminina aos homens. Afinal, ao se casar com o ex-marido, a cantora constituiu família com ele e passou a viver uma relação de acordo com os costumes sociais da época, aos quais ela alega não ter conseguido se adaptar, assim optando pela separação (como lembra Carmelin, tema considerado tabu no Brasil de então). Evidentemente, seria possível questionar, se o conto tivesse apresentado alguns episódios anteriores ao casamento da cantora de rádio, de quanta liberdade ela de fato gozava em sua vida de solteira, mas, de qualquer maneira, fato é que esse trecho evidencia como o casamento e a família ainda criam novas restrições à já um tanto restrita atuação das mulheres no molde de sociedade dito ocidental.

Há, no entanto, outro trecho em que a dominação masculina aparece de modo ainda mais sutil, mesmo para um leitor do século XXI. Mais para o final da leitura do escritor decadente, a voz deste passa a se confundir, na mente da cantora, com a do ex-marido dela. Nesse momento, a moça descreve a si mesmo enquanto estava casada como “amarrada por um cordel”, em mais uma evidência de como o casamento e a família são apresentados como instituições sociais que auxiliam na dominação masculina, mas, logo em seguida, é apresentada outra instituição muito importante para a perpetuação da submissão feminina: as instâncias produtoras de conhecimento. Enquanto se distraía com a leitura enfadonha do escritor decadente, a cantora de rádio “olhou os livros das estantes, teve a impressão de que eles haviam sido pigarreados por vozes fanhosas, ouvidas por pessoas sonolentas, em noites de calor. *E todas as vozes ordenavam que as mulheres fossem marionetes, puxadas a cordões*” (RAMOS, 2021, p. 141, grifo nosso).

Retoma-se, com isso, um tema caro à própria coletânea segundo Carvalho (2005), que é a relação entre o poder e o saber. Tendo as considerações de Bourdieu (2020) sobre a dominação masculina em vista, torna-se possível, portanto, afirmar que o trecho ilustra como as instâncias de saber, responsáveis por produzir o conhecimento socialmente aceito, contribuem não apenas para que a cantora de rádio tenha sido controlada em seu casamento ou acabe por naturalizar um gesto de importunação sexual do diretor da revista, mas que as mulheres sejam submetidas a um tipo de dominação que, “suavemente”, “insensivelmente”



e “invisivelmente”, faz com que o que é cultural, histórico e alterável passe a ser visto até mesmo por elas mesmas como natural, a-histórico e, portanto, inalterável.

Vale, também, reproduzir a análise de Carvalho (2005) sobre esse trecho, pois o crítico torna ainda mais evidente como, embora tenha se livrado de uma vida conjugal infeliz e vigiada (ou, melhor ainda, infeliz *porque* vigiada), a cantora tinha, em algum nível, a consciência de que estava submetida a regras arbitrárias contra as quais pouco poderia fazer individualmente. Afinal, “a frase bem mostra como o desconforto da situação passada se confunde com o desconforto da situação presente: em ambas ela se encontra oprimida por convenções sociais, impedida de fazer valer seu desejo, calando-se diante do outro” (CARVALHO, 2005, p. 203). Apesar de Carvalho ter em mente em sua análise, na verdade, o fato de a moça não expressar seu desconforto com o calor (que lhe fazia suar muito) e com a leitura do escritor decadente, essas suas considerações também são adequadas para descrever a opressão, ou, em termos à Bourdieu, a dominação da qual a cantora, como mulher/personagem feminina, era mais uma vítima.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

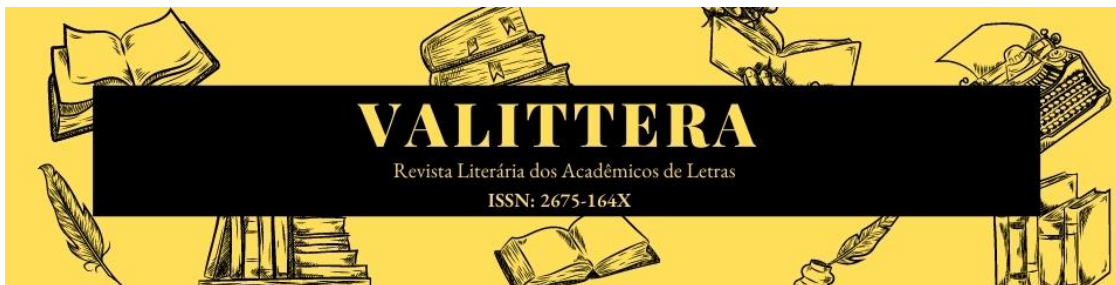
Diante do exposto, pode-se perceber em “Uma visita” uma série de episódios em que o que se apresenta, às vezes de modo bastante sutil, não são apenas problemas individuais, mas questões relevantes para toda uma sociedade. Nesse sentido, é útil trazer à tona, mais uma vez, as considerações de Ramos, Stumpf e Alves (2019) sobre o que é a literatura e qual a sua função social, na medida em que o que se procurou demonstrar sobre esse conto de *Insônia*, em última instância, é que também ali Graciliano Ramos permite ao leitor exercer o senso crítico quanto ao mundo que o cerca, na medida em que “Uma visita” ajuda a ilustrar a importante questão social da dominação masculina, conforme apresentada por Bourdieu (2020) e debatida por tantos outros autores. Trata-se, portanto, de uma narrativa para a qual a “equivalência de verdade” à qual Ramos, Stumpf e Alves se referem ao descreverem a relação entre ficção e realidade na literatura. Essa equivalência, aliás, torna-se ainda mais forte na medida em que os problemas com os quais Graciliano Ramos dialoga em sua obra da



primeira metade do século XX persistem, mesmo que sob roupagens um tanto diferentes, no Brasil das primeiras décadas do século XXI. Em suma, é possível aplicar a esse conto do escritor alagoano uma paráfrase de uma das consagradas definições de Calvino (2007) sobre os clássicos: trata-se de uma narrativa que ainda não terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Graciliano Ramos. In: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 2017. p. 428-432.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. 17. ed. Tradução de: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- CARMELIN, Bruna Letícia Pinheiro. *Ficção, memória e gênero literário nos contos de Insônia, de Graciliano Ramos*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152930>>. Acesso em: 17 mai. 2021.
- CARVALHO, Antonio Morais de. *Graciliano: Ramos Excluídos*. 228 f. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6185>. Acesso em: 16 mai. 2021.
- CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Origens e Fins*. 42. ed. Rio de Janeiro: Danúbio. 2018. p. 329-340.
- GIACOMET, Michele. *Insônia: contos (inter)ditos*. *Revista Educação e Cultura em Debate*, v. 1, n. 1, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/82/0>. Acesso em: 19 mai. 2021. p. 01-20.



RAMOS, Graciliano. Uma visita. In: RAMOS, Graciliano. *Insônia (contos)*. 33. ed. São Paulo: Record, 2021. p. 131-142.

RAMOS, Juliana Marschal; STUMPF, Livia; ALVES, Cristiane da Silva. O duelo entre materialidades: a representação da violência no conto “O duelo”, de Guimarães Rosa, e no filme homônimo, de Paulo Thiago. *Literatura e Autoritarismo*, n. 22, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/37182/21829>. Acesso em: 18 mai. 2021. p. 07-18.

Recebido em 05/06/2021.

Aceito em 28/08/2021.